



E

Ane
ku
mene

Educados pela luta: uma análise do documentário “A rebelião dos pinguins”

Educated by the Fight: An Analysis of the Documentary “The Penguin Rebellion”

Educados por la lucha: un análisis del documental “La rebelión de los pingüinos”

Tiffany Naomi Motomatsu*
Ana Luiza Costa**

Resumo

O presente artigo visa analisar o documentário *A rebelião dos pinguins*, dirigido por Carlos Pronzato, que aborda o início e desenvolvimento de ocupações em escolas secundaristas no Chile contra o sistema vigente, em busca da melhoria das condições de educação em todos os níveis no país. Outras fontes serão utilizadas para fazer uma comparação entre a realidade chilena no contexto mostrado no documentário com a brasileira, principalmente com o movimento estudantil secundarista contra a reorganização da rede estadual de São Paulo, em 2015, e os movimentos de junho de 2013 pelo passe livre e outras pautas.

Palavras-chave

História da educação; movimento estudantil; *A rebelião dos pinguins*; educação.

* Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo

** Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Abstract

This article aims to analyze the documentary *The Penguin Rebellion*, directed by Carlos Pronzato, which addresses the start and development of the occupations in high schools in Chile against the current system, seeking to improve the conditions of education in all levels in the country. Other sources will be used to compare the Chilean reality in the context shown in the documentary with that of Brazil, especially with the high school students' movement against the reorganization of the São Paulo state network in 2015, and the Free Fare Movement of June, 2013, among other things.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar el documental, *La rebelión de los pingüinos*, dirigida por Carlos Pronzato, que aborda el inicio y el desarrollo de las ocupaciones de las escuelas en Chile contra el sistema actual, buscando mejorar las condiciones de la educación a todos los niveles en el país. Se utilizarán otras fuentes para hacer una comparación entre la realidad chilena dentro del contexto que se muestra en el documental con la realidad brasileña, especialmente el movimiento de estudiantes de la escuela secundaria contra la reorganización del estado de São Paulo en 2015, y los movimientos de junio de 2013 por la tarifa gratis, entre otras cosas.

Keywords

History of education; student movement; *The Penguin Rebellion*; education.

Palabras clave

Historia de la educación; movimiento estudiantil; *La rebelión de los pingüinos*; educación.

Porque eu reconheço que antes de acontecer tudo isso eu não sabia de nada da educação porque apenas me importava vir ao colégio e cumprir as obrigações escolares e pronto. Mas quando você começa a frequentar os encontros e fica sabendo de todas as injustiças que havia (sic.) e nos mostravam gráficos e números demonstrando que a educação é injusta aí você pensa: tenho que lutar por isso e por nossos filhos e então adotei uma nova mentalidade.

(Estudiante chilena, participante do movimento de ocupações de escolas no ano de 2006. Nery & Pronzato, 2007).

Mas, o mais fundamental de tudo isso é a lição que nos deixou como estudantes, de que, na verdade, os jovens podem fazer coisas. De que a geração de jovens que não tem interesse por nada acabou faz tempo e que, agora, os jovens têm opinião política, sabem debater, sabem sentar numa mesa para redigir documentos, sabem tratar com leis, sabem tratar com autoridades e isso me deixa muito contente.

(Estudiante chileno, participante do movimento de ocupações de escolas secundárias no ano de 2006. Nery & Pronzato, 2007).

Introdução

O documentário *La rebelión pingüina: los estudiantes secundarios chilenos contra el sistema*, objeto de análise desse artigo, foi dirigido por Carlos Pronzato e conta sobre o surgimento e amadurecimento do movimento estudantil, que reuniu no Chile, mais de um milhão de estudantes contra o sistema vigente. Com protestos de rua e ocupações de colégios, “os pinguins”, como são conhecidos os estudantes secundaristas chilenos, por causa dos seus uniformes, assinalaram um caminho de luta. Este documentário foi lançado no ano de 2007 pelo mundo e possui 40 minutos de duração. No Brasil, o documentário é encontrado com o título de *A rebelião dos pinguins*.

Carlos Pronzato é escritor, cineasta, teatrólogo e ativista social, formado em direção teatral pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com pós-graduação/especialização em teoria do teatro: a cena contemporânea pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Pronzato, 2012a). Em entrevista para o sítio *A verdade* (Pronzato, 2012b), conta que a ideia de fazer documentários que retratam a história dos oprimidos surgiu durante e depois de uma viagem que terminou na Bahia. Foi neste estado brasileiro que, de acordo com Pronzato, houve início da atividade de documentarista nos conflitos locais para, depois, refazer a ideia latino-americana. Embora, em um primeiro momento, Pronzato pense primordialmente na ficção, prevaleceu o interesse pela documentação, pelo registro oral e pela história, o que pode guardar relações com seu interesse pela antropologia visual e os filmes de Jean Rouch em seu denominado “cinema verdade”. Segundo o mesmo sítio, Pronzato, com poucos recursos e uma câmera na mão, conseguiu realizar vários filmes¹ como *Carabina M2, uma arma americana – o Che na Bolívia*, *O Panelaço – a rebelião argentina* (2001), *Bolívia, a guerra do gás* (2003), *A rebelião dos pinguins – estudantes chilenos contra o sistema* (2007), *Madres de Plaza de Mayo – memória, verdade, justiça* (2009), *Carlos Marighella – Quem samba fica, quem não samba vai embora* (2011), *A partir de agora – as jornadas de junho no Brasil* (2014) e o mais recente, *ACABOU A PAZ! Isso daqui vai virar o Chile* (2016).

Considerando que o assunto do documentário possui pontos de convergência com o movimento estudantil secundarista contra a reorganização da rede estadual em 2015 e os movimentos de junho de 2013 pelo passe livre e outras pautas no Brasil, será feita uma comparação entre as realidades chilena e brasileira, levando em consideração que estão inseridas em contextos históricos distintos e possuem culturas diferentes. Como diz Zibas, a dificuldade de fazer pesquisa com outras realidades nacionais está principalmente relacionada com o fato “[...] de que devem sempre ser levadas em conta na análise pretendida as distâncias históricas,

sociais e econômicas [...]” (Zibas, 2008, 200). Não é supérfluo afirmarmos a diferença quantitativa entre a nossa população e a chilena, além de questões propriamente ligadas à história do Chile, como:

[...] a possibilidade de iniciar, 71 anos antes de nós, a consolidação das instituições de um estado republicano moderno. Já em 1860, a Lei Orgânica da Instrução Primária estabelecia no Chile que o ensino das primeiras letras deveria ser gratuito, universalizado (ou seja, para todas as classes sociais e para ambos os sexos) e sob a responsabilidade do governo nacional. (Zibas, 2008, p. 201).

No Brasil, apenas em 1930, a obrigatoriedade do ensino primário será instituída constitucionalmente (Zibas, 2008). É importante compreender as especificidades da mobilização tratada no documentário e, a partir disso, traçar pontos de semelhança e diferença entre ambas as realidades.

Chile: um breve histórico de sua educação

Zibas (2008) aponta que, por iniciativa de um governo democrático, pós-Pinochet, houve um aprofundamento da privatização do sistema educacional chileno, ao permitir, no ano de 1993, através da *Ley de Impuestos a la Renta*, “que os estabelecimentos particulares subvencionados cobrassem mensalidades de alunos do ensino fundamental e médio.” (p. 201). O mesmo, de acordo com a autora, acontece aos liceus – escolas municipais de ensino médio –, embora estas, por concentrar a população pobre, não possam contar com esses recursos. Ou seja, como aponta a autora mais adiante,

[...] o sistema gerido por empresários ou por entidades religiosas, embora cobrando mensalidades dos pais e pouco atendendo à clientela de mais baixo nível socioeconômico, tem recebido financiamento oficial, por aluno, praticamente idêntico àquele concedido às escolas municipais, sendo que essas últimas atendem aos filhos das famílias mais pobres e não contam, em geral, com o aporte financeiro dos pais. (Zibas, 2008, p. 202)

A autora ainda afirma que o lucro dos proprietários das escolas subsidiadas é considerado legítimo por muitos setores da sociedade chilena e a seleção para ingresso nessas escolas foi tolerada pelo governo (Zibas, 2008, p. 202). Ou seja, “A distribuição desequilibrada dos recursos públicos [...] aliada à seletividade do sistema privado [...] tende a tornar a rede municipal um gueto dos alunos mais pobres.” (p.202).

No ano de 2006, de acordo com Fernandes e Soares (2012), estudantes do Ensino Médio se mobilizaram e fizeram várias passeatas em prol de melhorias na educação. Este movimento foi caracterizado, ainda segundo as autoras, como “Revolta dos Pinguins” (2012, p. 2). Suas principais reivindicações eram

¹ A filmografia do diretor está disponível em seu blog *Bakunin Digital*: <http://lamestizaudiovisual.blogspot.com.br/2008/12/lista-de-audiovisuais-de-carlos.html>

[...] a gratuidade do exame de seleção para a universidade (PSU), passe escolar grátis e sem restrições de horário para transporte municipal, melhoria e aumento da merenda escolar além da reforma das instalações sanitárias em estado inadequado para utilização em muitas escolas (Zibas, 2008, p. 202-203)

O movimento estudantil, de acordo com Rojas (s/d), produziu um impacto de tal magnitude que “[...] permitiu colocar todos os níveis da sociedade no debate das condições gerais e de qualidade da educação chilena”. Contando com a participação de aproximadamente 600.000 estudantes (Rojas, s/d), foi uma das mobilizações mais massivas e prolongadas no Chile, fazendo com que tal pressão política, de acordo ainda com o autor, levasse a presidente da época, Michelle Bachelet, “a convocar diferentes estratos da sociedade a conformar “Conselho Assessor Presidencial de Educação” (Rojas, s/d). Zibas completa que as questões levantadas pelos estudantes “foram quase imediatamente equacionadas ou atendidas pelo governo da presidenta Bachelet.” (Zibas, 2008, p. 203)

A rebelião dos pinguins e os movimentos brasileiros

O documentário em foco traz para o público, informações sobre o movimento secundarista, partindo da narração dos estudantes e outras pessoas envolvidas com a mobilização estudantil que ocorreu em 2006. Ao assisti-lo é difícil não nos fixarmos em alguns pontos que são comuns entre Chile e Brasil. No ano passado, em 2015, houve mobilização estudantil contra a reorganização da rede estadual de ensino de São Paulo. Essa reorganização anunciada pela Secretaria Estadual de Educação (SEE) tinha como objetivo separar as escolas para que cada unidade passasse a oferecer aulas de apenas um dos ciclos da educação (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio) a partir do ano seguinte e previa o fechamento de 94 escolas, que seriam disponibilizadas para outras funções na área da educação. Para evitar o fechamento de escolas e suas consequências, além de outras pautas como o sucateamento da educação pública estadual, os estudantes secundaristas se organizaram e passaram a manifestar seu descontentamento com as medidas adotadas pelo governo estadual das quais denunciavam o autoritarismo e a total ausência de diálogo com as comunidades escolares.

De acordo com a análise de Carlos Pronzato, *ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile! Escolas ocupadas em São Paulo*, a experiência das ocupações das escolas é herdeira dos protestos de junho de 2013 – que reintroduziram na pauta da política brasileira a ideia de que se pode conseguir mudanças concretas por meio da ação direta. Ainda conforme o relato das pessoas entrevistadas no documentário, a iniciativa do governo paulista de fechar escolas é uma tentativa de precarizar o ensino, demitir professores, cortar gastos. A visão denunciada na película é da educação como mercadoria, não enquanto direito do cidadão, mas sim para gerar lucro ao abrir espaço para a iniciativa privada.

Percebemos que várias questões estão presentes em ambas as rebeliões estudantis. Analisando a respeito da mercantilização da educação, no Chile, por conta da *Ley de Impuestos a la Renta*, as escolas particulares conveniadas ao Estado podem cobrar dos alunos mensalidades. Já as escolas municipais, que concentram a população pobre, não contam com esses recursos. Esse desequilíbrio de recebimento dos recursos públicos acaba por tornar a rede municipal um local de grande concentração da população pobre, reiterando, como diz Zibas (2008) “durante anos, a isonomia entre rendimento escolar dos alunos e nível socioeconômico das famílias” (p.202). Não muito distante disso está a realidade brasileira. “[...] não se pode ignorar que a mesma relação acontece no Brasil, onde a escola básica, pública e gratuita se torna cada vez mais concentradora de filhos das camadas mais pobres da população, ao mesmo tempo em que sua qualidade vai ficando cada vez mais precária” (Zibas, 2008, p.202).

Gohn (2015), em *Vozes que gritam e vozes silenciadas na América Latina*, aponta que na breve lista de movimentos sociais neste continente atualmente, destacam-se as lutas no campo da educação, sendo o segmento estudantil o de maior visibilidade. Ela cita, por exemplo, os protestos em 2014 contra o desaparecimento de 43 estudantes da escola normal rural de Ayotzinapa no sul do México. Outros exemplos são “a Revolta dos Pinguins no Chile [...], e as ocupações em universidades no Brasil, especialmente as públicas, em luta pela melhoria da qualidade de ensino, contra reformas na educação e contra atos de corrupção e desvio de verbas públicas.” (Gohn, 2015, p. 499). A autora acrescenta ainda que

Aliás, não são apenas os estudantes que têm se mobilizado. A área da educação, especialmente a educação na escola básica, tem sido a fonte de protestos de grandes dimensões, a exemplo da ocupação de escolas do ensino público paulista, em 2015, contra a proposta de reforma da rede estadual de ensino, e no México, em 2006 na região de Oaxaca. (Gohn, 2015, p. 499-500).

A educação como mercadoria, que aparece tanto no documentário chileno quanto no brasileiro, é uma temática que é discutida por Oliveira (2009) em *A transformação da educação em mercadoria no Brasil*². O autor identifica quatro consequências da globalização para a educação. São elas eivadas de tensões e contradições:

a) a crescente centralidade da educação na discussão acerca do desenvolvimento e da preparação para o trabalho, decorrente das mudanças em curso na base técnica e no processo produtivo; b) a crescente introdução de tecnologias no processo educativo, por meio de softwares educativos e pelo recurso à educação a distância; c) a implementação de reformas educativas muito similares entre si na grande maioria dos países do

2 Este artigo apresenta as situações do ensino básico e superior. Porém, o foco da análise é voltado ao documentário, que trata dos estudantes secundaristas. Portanto, será levado apenas em conta o que o autor tem a dizer a respeito do ensino básico.

mundo; d) a transformação da educação em objeto do interesse do grande capital, ocasionando uma crescente comercialização do setor. (Oliveira, 2009, p. 740).

De acordo com Oliveira (2009), o setor empresarial na educação brasileira é antigo, ampliado desde a ditadura militar. Com a Constituição de 1988, houve a explicitação da possibilidade de existência de escolas com fins lucrativos e seu crescimento foi acelerado com a Lei de Diretrizes e Bases. O autor mostra que, no ensino básico brasileiro

[...] cresceu a venda de materiais pedagógicos e “pacotes” educacionais, que incluem aluguel de marca, pelo mecanismo de franquias, avaliação e formação em serviço do professor. Tais atividades são desenvolvidas por algumas das grandes redes de escolas privadas, como os Cursos Osvaldo Cruz (COC), Objetivo, Positivo e Pitágoras. Mais recentemente, esse grupo de instituições tem avançado sobre os sistemas públicos de educação básica, vendendo materiais apostilados para redes municipais e estaduais, tendo os mesmos avaliados no âmbito do programa nacional do livro didático (PNLD). (Oliveira, 2009, p. 741).

Por conta da mercantilização da educação e do sucateamento das escolas em ambas as realidades. No Chile, tem-se escolas subvencionadas pelo governo que cobram mensalidade dos alunos, enquanto as faixas menos abastadas, que não podem pagar, acabam por se concentrarem na escola municipal, que não recebe recursos –, no Brasil, os recursos públicos têm escoado para a iniciativa privada por canais como a compra, pela rede municipal, de materiais apostilados de grupos empresariais como os citados acima e, quando não, a superlotação de salas, salários baixos a funcionários e professores e fechamento de escolas são um triste fato de um cenário de sucateamento da educação pública. A mobilização dos estudantes secundaristas deu-se exatamente em busca de uma educação melhor, contra a desigualdade na educação. Embora sendo duas realidades diferentes entre si – cada uma carrega uma história de desenvolvimento –, ambas nos mostram o quanto o direito à educação de qualidade está ameaçado.

Um ponto que também deve ser levado em conta, tanto para a realidade brasileira – nas mobilizações de 2013 e 2015 – e na realidade chilena retratada pelo documentário diz respeito à globalidade das questões sociais que levaram aos levantes. Castells (2013)³, em seu livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, inicia seu

prefácio “Articular mentes, criar significado, contestar o poder” com a frase “Ninguém esperava” (Castells, 2013, p. 11). O questionamento que fica, em relação a essa frase e aos movimentos sociais, é se realmente ninguém esperava que aquilo ocorresse, ou se esses movimentos se ligam por fios históricos a uma cultura de lutas transmitida de geração a geração, embora contextualizadas dentro das peculiaridades e dos imponderáveis do tempo presente.

Castells (2013) afirma que os movimentos sociais de hoje e os que ocorreram ao longo da história são constituídos por indivíduos. O autor prossegue seu raciocínio questionando a respeito da motivação de cada indivíduo para fazer parte de um movimento para então apontar que, no plano individual, os movimentos sociais tem uma forte dimensão emocional. Diz o autor:

No plano individual, os movimentos sociais são emocionais. A insurgência não começa com um programa ou uma estratégia política. Isso pode vir depois, quando surge a liderança, de dentro ou de fora do movimento, para fomentar agendas políticas, ideológicas e pessoais que podem ou não relacionar-se às origens e motivações dos participantes do movimento. [...] as emoções mais relevantes para a mobilização social e o comportamento político são o medo (um afeto negativo) e o entusiasmo (um afeto positivo) [...]. (Castells, 2013, p. 22).

O autor continua sua ideia e afirma que “[...] para que se forme um movimento social, a ativação emocional dos indivíduos deve conectar-se a outros indivíduos [...]” (Castells, 2015, p. 23). Essa conexão exige um processo de comunicação e para que a comunicação ocorra é necessário, de acordo com Castells (2013) “[...] a consonância cognitiva entre emissores e receptores da mensagem e um canal de comunicação eficaz.” (p. 23). Ou seja, segundo Manieri (2014),

[...] [A defesa] na obra de Castells, é de que os novos movimentos transformam “pessoas em sujeitos de suas próprias vidas”. Mas não se pode afastar a hipótese de que o que se busca nesses novos movimentos é uma nova representação do indivíduo/cidadão. O que está em jogo não é tanto a questão da autonomia (ênfataza por Castells), mas a transformação do indivíduo (conformista) em um cidadão ativo. A perda de confiança nas instituições atuais – algo que Castells apreende com exatidão – é só a primeira etapa para um novo estágio de reivindicações. (Manieri, 2014, p. 197).

Ainda pensando sobre as questões sociais que levaram aos levantes, Gohn (2015) apresenta argumento diverso ao abordar as manifestações de junho de 2013 no Brasil. A autora diz que as manifestações, desencadeadas em São Paulo por coletivos organizados, com o predomínio do Movimento Passe Livre (MPL), não foram apenas contra o aumento da passagem dos transportes públicos. A autora aponta que:

3 Cabe ressaltar que Castells publica esse livro no ano de 2013, na efervescência dos movimentos de junho que aconteceram no Brasil. No prefácio citado no presente artigo, Castells aponta que muitas rebeliões, protestos e movimentos sociais eclodiram pelo mundo como a Primavera Árabe, os movimentos *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos e os Indignados da Espanha e, embora os contextos fossem distintos entre si, o problema era o mesmo: as pessoas não confiavam mais nas instituições. Porém, como diz o autor, em meio a um mundo em que o contrato social foi dissolvido por falta de confiança, novamente indivíduos se uniram para buscar novos modos de serem o povo. Este movimento começou nas redes sociais da internet, uma vez que, para o autor, estas são um espaço de autonomia, ficando além do controle de governos e empresas.

Uma das questões profundas que está em causa nas manifestações de junho é a discussão da democracia. Denota-se que a democracia representativa está em crise, a democracia direta é um ideal, viável apenas em pequenos grupos ou comunidades; a democracia deliberativa poderia unir as duas anteriores, mas ainda é um modelo frágil, que padece de arranjos clientelistas nos poucos casos onde ocorre. Mas, apesar da democracia estar em crise, há certo consenso de que ela é necessária. Sendo assim, podem-se buscar, nas atuais manifestações, os indícios de novas formas de organização política, nos marcos de uma nova forma- a democracia analógica, aquela que tenta dialogar com a geração digital, que poderá combinar a democracia representativa com a democracia direta *online*. (Gohn, 2015, p. 504)

Ou seja, a afirmação “Ninguém esperava” de Castells (2013) pode ser relativizada quanto a experiência dos movimentos aqui discutidos. Havia questões mais profundas, ligadas à melhoria da educação como nas rebeliões estudantis chilena e brasileira, e no caso das jornadas de junho de 2013, as pressões iam além do preço das passagens nos transportes públicos, tocando os problemas da crise de representatividade na política brasileira.

O elemento fundamental para a emergência da inesperada catarse, para Castells, estaria nas redes sociais. O autor afirma que “os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral de imagens e ideias.” (p. 12). A internet está possibilitando, com o passar do tempo, a propagação de ideias, denúncias sem que haja “um controle” por quem detém o poder, embora este mesmo recurso seja utilizado para divulgar ideias opostas. O próprio Castells (2013) afirma que “O poder das imagens é soberano. O *YouTube* foi provavelmente uma das mais poderosas ferramentas de mobilização nos estágios iniciais do movimento.” (p. 166).

Essa afirmação de Castells a respeito do poder das imagens é perceptível tanto em A rebelião dos pinguins como em ACABOU A PAZ. Ambos os movimentos utilizaram os recursos que tinham para *postar*, *compartilhar* e *repostar na internet* o que acontecia dentro das manifestações públicas, protestos de rua e ocupações de escolas, com o intuito de mostrar a versão dos estudantes. Como aponta Gohn (2015),

A maioria desses movimentos é composta por jovens e a forma de comunicação predominante é *on-line*, que ganhou *status* de ferramenta principal para articular ações coletivas [...]. Por isso, os recursos analíticos têm de incorporar essa importante alteração nas relações que se estabeleceram e estruturaram os movimentos. A transnacionalização advém dessas mudanças. A comunicação não ocorre só via os computadores e a internet. Celulares e diferentes dispositivos de mídia móvel passaram a ser o meio de comunicação básico e o registro instantâneo de ações transformaram-se em arma de luta, gerando outras ações como resposta. (p. 502).

Outros pontos que devem ser analisados e pensados são a presença, no documentário chileno⁴, da violência policial, e a relação dos movimentos sociais com a grande imprensa e com o Estado. Castells (2013) parte da premissa de que

[...] as relações de poder são constitutivas da sociedade porque aqueles que detém o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses. O poder é exercido por meio da coerção (o monopólio da violência, legítima ou não, pelo controle do Estado) e/ou pela construção de significado na mente das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica. As relações de poder estão embutidas nas instituições da sociedade, particularmente nas do Estado. (p.14).

O Estado detém o poder para vigiar e decidir a vida das pessoas, mesmo à sua revelia, muito embora seus gestores sejam eleitos como nossos representantes. No momento em que produzem e ou fazem uso das instituições de acordo com seus interesses privados e não necessariamente da população que os elegeu, criam as condições para as pessoas precisem e queiram reivindicar seus direitos através de protestos, ocupações de espaços públicos e demais meios de luta. Gohn (2015), abordando os movimentos sociais, diz que

[...] Os novos movimentos sociais dos jovens são movimentos sociais e só poderão ser considerados como em transição para movimentos políticos, desde que se entenda a política de forma diferente da atualidade. A política como arte de construção do bem comum. O movimento expressa uma profunda falta de confiança em toda forma de política e categoria de políticos. Por isso sua mensagem foi respondida por milhares que se uniram a eles, indo às ruas. Eles querem outro país onde a ética e a política andem juntas. Querem uma revolução na forma de operar a política e não uma reforma ou remendo no que existe. Não confiam na política atual e nem nos políticos. Negam a política atual e isso também é uma forma de propor outra coisa. (p. 504).

Para manter seus interesses, mesmo que isso venha a se opor ao dos cidadãos, o Estado utiliza outros meios como o emprego da força policial. Como diz Castells (2013), “[...] é por meio do Estado que diferentes formas de exercício de poder em distintas esferas sociais relacionam-se ao monopólio da violência como a capacidade de, em última instância, impor o poder [...]” (p. 17). Essa afirmação fica clara quando vemos a atuação da polícia e da grande imprensa no meio da manifestação dos alunos – a polícia, tendo um poder que o Estado lhe confere, reprime as manifestações de forma violenta e a grande imprensa utiliza seu monopólio dos meios de comunicação para silenciar o movimento, como

4 Especificamos aqui por ser essa análise voltada para o documentário *A rebelião dos pinguins*. Isso não quer dizer que está descartado que no documentário *ACABOU A PAZ* não estejam presentes esses fatores. Pode-se dizer que em ambos os documentários é perceptível o quão parecidos são – o movimento de São Paulo teve inspiração no movimento chileno, inclusive pela mediação do filme de Pronzato.

é mostrado no documentário. Conforme Castells (2013), "Coerção e intimidação, baseadas no monopólio estatal da capacidade de exercer a violência, são mecanismos essenciais de imposição da vontade dos que controlam as instituições da sociedade." (p. 14). Porém, só utilizar o método violento como forma de reprimir as massas não é uma saída para garantir o poder. Castells (2013) afirma que construir a mentalidade das pessoas é algo mais decisivo e estável e que poucos sistemas podem durar apenas utilizando o método de coerção.

[...] Se a maioria das pessoas pensa de forma contraditória em relação aos valores e normas institucionalizados em leis e regulamentos aplicados pelo Estado, o sistema vai mudar, embora não necessariamente para concretizar as esperanças dos agentes de mudança social. É por isso que a luta fundamental pelo poder é a batalha pela construção de significado na mente das pessoas. (Castells, 2013, p. 14 - 15).

[Uma das instituições que detém o poder de construir a mentalidade das pessoas é a Imprensa. Segundo Sosa (2006), em Imprensa e História, citando Rüdiger (1993), chama a atenção para os fundamentos do jornalismo:

[...] o jornalismo consiste basicamente numa prática social, ligada ao movimento histórico da chamada esfera pública, ou seja, do processo de formação e informação da opinião pública. Nessa perspectiva, ele não é, por princípio, meio de manipulação ou esclarecimento social, mas uma forma de poder que se reveste destes aspectos, dos quais não pode ser em hipótese nenhuma dissociado, em função das condições ditadas pela práxis de cada época. (Rüdiger, 1993, p. 81 *apud* Sosa, 2006, p. 119).

Ou seja, "[...] o princípio da imprensa não é o de ser manipuladora, no entanto Rüdiger] reconhece que ela, enquanto forma de poder, não pode ser dissociada do elemento manipulação em função das condições ditadas por cada época." (Sosa, 2006, p. 119). Essa ideia é percebível no documentário A rebelião dos pinguins. A imprensa, ao cobrir as manifestações, mostrava apenas aquilo que seria útil ao Estado: exibia os estudantes como se fossem vilões, não revelando as agressões sofridas. O cenário muda quando um jornalista é ferido pela violência policial. Diante de tal acontecimento, a imprensa passa a mostrar aquilo que acontecia – prisões sem cabimento, agressão contra os estudantes –, sendo um ponto crucial para que a própria população começasse a apoiar a causa estudantil. Por outro lado, outro momento de inflexão se deu no sentido contrário, quando os meios de comunicação consideraram que a rebelião já tinha ido longe de mais, conquistando parte de suas reivindicações, portanto podia, ou mesmo devia se encerrar. O mesmo não se pode dizer a respeito do movimento estudantil no Brasil em 2015 quanto a apresentação do ponto de vista dos estudantes pela grande

imprensa. Para eles, a saída foi utilizar os recursos que tinham – celulares para gravar vídeos e internet – para divulgar os acontecimentos dentro do movimento e nas manifestações.

Refletindo sobre o movimento estudantil – tanto chileno quanto o brasileiro – como um todo, é fundamental destacarmos o caráter educativo. Para Gohn (2011),

[...] a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. [...] Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. (p.333).

Em relação às aprendizagens no interior do movimento, a autora (2011, p. 352) destaca que são múltiplas tanto para o grupo quanto para os indivíduos isolados. Cita alguns exemplos como a aprendizagem prática (como se organizar, como se unir), aprendizagem técnica instrumental (funcionamento dos órgãos governamentais, leis que regulamentam), aprendizagem cultural (identidade do grupo, suas diversidades e adversidades culturais), aprendizagem simbólica (o que demandam, como se autoremamentam), aprendizagem ética (a partir da vivência do outro, centrada em valores como bem comum, solidariedade) (Gohn, 2011, p. 352-353). Fundamentalmente, no documentário, é percebível que o movimento estudantil proporcionou processos de aprendizagem não produzíveis na educação escolar, como o ato de protestar nas ruas e a ocupação de escolas. Ao sair às ruas, os estudantes mostraram seu descontentamento com as medidas impostas pelo governo chileno em relação à educação, mostrando que os jovens têm opinião, porém, foram duramente reprimidos e o movimento precisou adotar outro tipo de estratégia: a ocupação de escolas. Assim, como é apontado pelo jornalista Carlos Gonzalez, entrevistado por Pronzato, os estudantes desorientaram as autoridades por não saírem às ruas e passarem a resistir dentro das escolas, diminuindo os embates com a polícia. Dentro das escolas ocupadas, como é mostrado no documentário, existe uma dinâmica de funcionamento organizado pelos próprios alunos em que cada discente tem sua função, além de assembleias e reuniões em que são discutidos, desde assuntos do cotidiano das ocupações, até a realidade política, econômica e social do país e quais serão as próximas etapas que o movimento irá tomar para prosseguir com as reivindicações.

Considerações finais

Percebe-se, no decorrer dos tempos atuais, que vários movimentos sociais vêm aflorando pelo mundo. Cada movimento possui uma organização e, com a ajuda da *internet*, conseguem levar a informação que não se vê pela Grande Imprensa. Dessa forma, as antigas lutas por direitos

são potencializadas com o auxílio das novas tecnologias em comunicação. Os dois documentários aqui tratados contam histórias em comum, muito embora sejam realidades distintas: a busca, através da luta dos secundaristas chilenos e brasileiros, por uma educação de qualidade, uma escola melhor especialmente para o povo trabalhador, que em vez de reproduzir o sistema social desigual, nomeado expressamente nas falas dos secundaristas chilenos – o capitalismo – possa contribuir para processos de transformação social. É uma luta contra a desigualdade historicamente constituída.

Como diz Pronzato, diretor de ambos os documentários, em entrevista a Marco Donato, o documentário é "Ativismo total. [...] Minha inserção no documentário é um recorte muito subjetivo. A mídia influi e molda o senso comum, contra a qual a gente luta. Porque quando se está na rua e se vê a polícia jogar bombas em estudantes, é revoltante saber que tem gente que é induzida a aplaudir isso. Minha intenção é manter viva a memória da luta dos secundaristas" (Pronzato, 2016).

Referências

- Fernandes, J. S., & Soares, N., (2012). As revoltas estudantis no Chile. *Cenários PUC Minas: Conjuntura Internacional*. Recuperado em 28 de fevereiro, 2016, de: http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20120427153958.pdf?PHPSESSID=6e7f842b2eeb2fe723b439e11eb3890b
- Gohn, M. da G., (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, 16, (47), 333-61..
- _____, (2015). Vozes que gritam e vozes silenciadas na América Latina. *Civitas*, 15, (3), 491-509.
- Manieri, D., (2014). Internet e os novos movimentos sociais. *Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP*, 21, 2, 195-98.
- Oliveira, R. P. de., (2009). A transformação da educação em mercadoria no Brasil. *Educação e Sociedade*, 30, (108), 739-760.
- Pronzato, C., (2012a, 27 de março) Carlos Pronzato é entrevistado por Valdeck Almeida de Jesus. (Entrevista com Valdeck Almeida de Jesus). *Jornal ITEIA*. Disponível em: <http://www.iteia.org.br/jornal/carlos-pronzato-e-entrevistado-por-valdeck-almeida-de-jesus>
- _____, (2012b, 26 de setembro). O cinema a serviço da transformação social. (Entrevista com Claudiane Lopes). *A Verdade*. Disponível em: <http://averdade.org.br/2012/09/carlos-pronzato-o-cinema-a-servico-da-transformacao-social/>
- _____, (2016, 15 de fevereiro). "Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile": o diretor do melhor documentário sobre a ocupação das escolas em SP conta o que viu. (Entrevista com Mauro Donato.]. *Diário do Centro do Mundo*. Recuperado em 5 de março, 2016, de: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/acabou-a-paz-isto-aqui-vai-irar-o-chile-o-diretor-do-melhor-documentario-sobre-a-ocupacao-das-escolas-em-sp-conta-o-que-viu/>
- Rojas, M. V., (2010). Revolución Pingüina (Revolução dos Pinguins). Em: D.A Oliveira; A.M Duarte & L.M Vieira. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação.
- Sosa, D. A. C., (2006). Imprensa e história. *Biblos*, Rio Grande, 19, 109-25.
- Zibas, D. M. L., (2008) "A Revolta dos Pinguins" e o novo pacto educacional chileno. *Revista Brasileira de Educação*, 13 (38), pp. 199-220.

Referências cinematográficas

Nery, O., (produtor) & Pronzato, C., (diretor). (2007). *La rebelión pingüina: los estudiantes secundarios chilenos contra el sistema*. [Documentário]. Chile. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3J_5EVhJaJQ.

Souza, L, de, (produtor) & Pronzato, C., (diretor). (2015). *ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP*. [Documentário]. Brasil. . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>.